



Fabiane de Oliveira Schellin<sup>1</sup>  
Francisco de Assis Furtado de Oliveira<sup>2</sup>

## RESUMO

Trata-se de um relato sobre o estágio realizado na rede pública de Pelotas. A turma de primeira série possuía um aluno com o diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH). O texto visa identificar as conseqüências do transtorno sobre a vida escolar, questionar o comprometimento da escola e levantar alternativas para participação desses alunos nas aulas de Educação Física (EF). Conclui-se que conhecer o aluno que está à nossa frente é fundamental para proporcionarmos um ensino de acordo com suas capacidades para aprender, estimulando o desenvolvimento motor e cognitivo, auto-estima, valores e principalmente a inclusão social no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Educação, Educação Física, Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade.

## RESUMEN

Esta es una relación de las etapas que se celebra en el sistema escolar público de Pelotas. La clase de primer grado había un estudiante diagnosticado con Trastorno por Déficit de Atención / Hiperactividad (TDAH). El texto tiene como objetivo establecimiento de las consecuencias del trastorno en la vida escolar, entredicho el compromiso de la escuela y elevar alternativa participación de los estudiantes en clases de educación física (EF). De ello se deduce que conocer al estudiante que está por delante de nosotros es fundamental para ofrecemos una educación acorde con su capacidad de aprender, estimular el desarrollo motor y cognitivo, autoestima, valores y sobre todo la inclusión social en las escuelas.

**Palabras claves:** Educación, trastorno de déficit de la Educación Física Atención con hiperactividad

Ao começar minhas observações referentes ao estágio obrigatório de primeira a quarta série, fui informada de que em minha turma havia um menino hiperativo, mas que o mesmo mantinha-se sobre tratamento farmacológico, não apresentando grandes problemas, e que aos poucos iria conhecê-lo melhor. Com o desenvolver das aulas, percebi que algumas das inquietações e atitudes que o Manoel (como chamarei ficticiamente meu aluno) tomava, não tinham caráter maldoso, ou seja, muitas vezes aquelas ações eram impulsivas e involuntárias, características evidentes do transtorno, como descobriria mais tarde.

---

<sup>1</sup> Acadêmica de Licenciatura em Educação Física Escola Superior de Educação Física – Universidade Federal de Pelotas. PET ESEF UFPel. E-mail: [fabianeschellin@gmail.com](mailto:fabianeschellin@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmico de Licenciatura em Educação Física Escola Superior de Educação Física – Universidade Federal de Pelotas. PET ESEF UFPel.

O estágio foi realizado no período de setembro de 2009 a janeiro de 2010, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Machado de Assis, situada no Bairro Três Vendas, na cidade de Pelotas, mantida pela Secretaria Municipal de Educação. A turma que me coube assumir tratava-se de uma primeira série, composta por treze alunos, sendo dez meninos e três meninas. As idades variavam muito, tendo crianças de seis a onze anos, sendo quatro delas com seis anos, quatro com sete, dois com oito, dois com nove anos e o Manoel, com onze anos. De forma geral, os alunos são de nível sócio econômico baixo, porém não apresentavam atitudes agressivas ou desrespeitosas possuindo um relacionamento bom, tanto com colegas quanto com professores.

Mesmo já tendo vivenciado algumas práticas e experiências durante a graduação, especialmente na disciplina de Educação Física Adaptada, meus conhecimentos sobre o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), eram muito vagos, fazendo-me sentir despreparada para lidar com o aluno da minha turma de estágio. Assim, este artigo justifica-se pela necessidade de entender mais sobre o tema, procurando descobrir de que forma a escola, em especial a Educação Física, e os professores poderiam ajudar a construir uma educação de melhor qualidade, auxiliando para que alunos com TDAH possam evoluir no seu crescimento escolar, tanto educativo como social.

Os objetivos deste estudo foram, a partir de um conhecimento mais aprofundado sobre o assunto, identificar quais as conseqüências que este transtorno tem sobre a vida escolar do aluno, questionar o comprometimento que a escola— equipe diretiva e professores - tem com alunos com TDAH, levantar possíveis alternativas que nós, como educadores físicos, podemos assumir durante as aulas para melhorar a integração e efetiva participação desses alunos nas aulas de Educação Física, colaborando para o sucesso escolar e melhora da auto-estima de aluno com a doença.

O trabalho trata-se de uma revisão de literatura, onde farei uma breve explanação sobre a doença, suas características, e principais efeitos sobre a vida escolar e social, por fim, apresentarei possíveis alternativas que possibilitem trabalhar a Educação Física de forma inclusivista e facilitadora no processo ensino-aprendizagem, procurando associar o aporte teórico às experiências vivenciadas durante o estágio.

## **O TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE: DO QUE ESTAMOS FALANDO?**

Muitas vezes encontramos em sala de aula, alunos extremamente agitados, os quais não conseguem manterem-se concentrados em atividades que exigem maior concentração ou que terminam as atividades antes dos demais e começam a tumultuar a aula. Em contrapartida, existem aqueles que são extremamente “comportados”, ou seja, ficam quietos no “seu mundo” durante as aulas, não atrapalham o professor e não se relacionam com os demais colegas. No senso comum poderíamos dizer que aquele aluno mais agitado é um “aluno problema”, enquanto que aquele mais comportado é um “exemplo de aluno”, mas na realidade, ambos podem apresentar a mesma dificuldade, o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

De acordo com Reis (2006), parece não ser muito fácil distinguir entre uma simples distração e a real dificuldade de manter a concentração, da mesma forma que é difícil identificar quando um comportamento inadequado é sinônimo de falta de limites ou hiperatividade. Em função disso, muitas vezes, alunos são rotulados ou diagnosticados erroneamente, enquanto crianças que realmente sofrem com o problema são esquecidas e acabam sendo prejudicadas, tanto no desempenho escolar, quanto nos relacionamentos traçados com os demais colegas. Uma pesquisa realizada em 2007 por Gomes et al mostrou que, dos 87% de educadores entrevistados (432 pessoas) que já haviam ouvido falar sobre o TDAH, 50% não consideravam o TDAH uma doença, sendo que 67% deles conheciam pessoas com o transtorno, além disso, 59% dos educadores acreditavam que muitas das crianças tinham o diagnóstico porque os pais eram ausentes e/ou não souberam impor limites. Através desses dados é possível afirmar que grande parte dos educadores não tem real conhecimento sobre a doença, sendo que médicos e psicólogos, no estudo de Gomes et al (2007) afirmam que a maioria dos casos de TDAH são encaminhados a eles pela escola. Assim é extremamente importante que nós, educadores, estejamos sempre prontos para identificar dificuldades que possam estar prejudicando nossos alunos, estudando mais sobre elas e procurando fontes científicas para embasar nossas atitudes, já que a falta de conhecimento e preparo pode agravar ainda mais essa situação.

O TDAH é considerado um problema de saúde, cujas implicações afetam diretamente o desempenho escolar e podem gerar problemas psicológicos e sociais aos seus portadores (GOMES et al, 2007). De acordo com Rohde et al (2000), cerca de 3% a 6% da população sofre de TDAH, sendo que na maioria dos casos os sintomas persistem na idade adulta. O distúrbio afeta principalmente a região frontal do cérebro, responsável pela inibição do comportamento, pela atenção e capacidade de concentração, pela memória, autocontrole, organização e planejamento. Por se tratar de regiões que se interligam, suspeita-se ainda que outras regiões também possam estar ligadas a presença de determinadas características do transtorno. O

funcionamento afetado refere-se ao sistema de neurotransmissores (especialmente a dopamina e noradrenalina), além disso, fatores relacionados à hereditariedade são considerados pré-dispositores, mas não causa direta da ocorrência, substâncias ingeridas na gravidez e sofrimento fetal também são fatores que podem estar associados ao desenvolvimento da doença. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DÉFICIT DE ATENÇÃO, 2009).

O diagnóstico é fundamentalmente clínico, baseados em critérios estabelecidos pelo DSM-IV (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*) e a CID-10 (*Classificação Internacional de Doenças, décima edição*), mesmo que ambas utilizem nomenclaturas diferentes para designar a síndrome (ROHDE et al, 2000). Para efetuar as ferramentas auxiliares mais utilizadas por pais e professores são as *Escalas de Cornners e de Problemas de Atenção do Inventário de Comportamento de Crianças e Adolescentes*. Mesmo assim, a avaliação por um profissional da área da saúde (médico ou psicólogo) é indispensável, já que alguns encaminhamentos, como a utilização de medicamentos podem ser necessários, além disso, intervenções psicossociais também são importantes colaboradores no tratamento (ROHDE et al, 2000).

O DSM-IV apud Rohde et al (2000), relata que o TDAH pode se manifestar de três formas distintas:

- a) O TDAH com predominância de sintomas de desatenção, que é mais freqüente no sexo feminino e, juntamente com o tipo combinado, parece apresentar maiores prejuízos acadêmicos;
- b) O TDAH com predominância sintomática de hiperatividade e impulsividade, mais comum em indivíduos do sexo masculino, apresentando características de agressividade e impulsividade, o que acaba gerando maiores taxas de rejeição entre os colegas;
- c) O TDAH combinado que, segundo o autor, associa-se fortemente a desvios de conduta e comportamentos de oposição e desafio.

Dentre os sintomas relacionados à desatenção, Rohde e Benczik (1999, p 39), citam os seguintes:

- a) não prestar atenção a detalhes ou cometer erros por descuido;
- b) ter dificuldade para concentrar-se nas tarefas ou jogos;
- c) não prestar atenção ao que lhe é dito (“estar no mundo da lua”);
- d) ter dificuldade em seguir regras e instruções e/ou não terminar o que começa;
- e) evitar atividades que exijam esforço mental continuado;
- f) distrair-se facilmente com coisas que não tem nada a ver com que está fazendo.

Ao se referir ao TDAH com predominância de hiperatividade/impulsividade, os principais sintomas citados pelos autores são:

- a) ficar remexendo as mãos e/ou os pés por muito tempo;
- b) não parar sentado por um minuto;
- c) pular correr excessivamente em situações inadequadas, ou ter uma sensação interna de inquietude;
- d) ser muito barulhento para jogar ou se divertir;
- e) responder a perguntas antes de terem sido terminadas;
- f) ter dificuldades de esperar sua vez;
- g) intromete-se em conversas ou jogos dos outros.

De acordo com diversos estudos, não é necessário que a pessoa apresente todos os sintomas citados, mas pelo menos seis deles devem estar presentes e, principalmente, necessitam ocorrer com frequência de, no mínimo seis meses, em pelo menos dois espaços distintos frequentados pelo indivíduo como, por exemplo, o ambiente familiar e escolar (ROHDE e BENCZIK, 1999; ROHDE et al, 2000; GIACOMINI e GIACOMINI, 2006).

Principalmente em função do auxílio no diagnóstico é fundamental que professores e equipe diretiva estejam preparadas para perceberem eventuais situações que possam sinalizar a manifestação da doença, já que serão fundamentais na confirmação do diagnóstico.

## **O TDAH E AS IMPLICAÇÕES NO AMBIENTE ESCOLAR**

Ao realizar as primeiras observações da turma de estágio, um dos pontos que mais me chamou a atenção foi à considerável diferença de maturação física do aluno Manoel para com os demais. Ao questioná-lo sobre sua idade, fiquei um tanto mais intrigada, já que o mesmo possuía onze anos e ainda encontrava-se na primeira série.

Após conversa com a direção, fui informada de que aquele era o primeiro ano do menino naquela escola, o mesmo era oriundo de outra instituição de ensino, a qual é considerada bem maior do que a atual, que atende aproximadamente 90 alunos. Durante as aulas, conversando com o Manoel, tive a oportunidade de questioná-lo sobre a realidade vivida na escola anterior, a qual era tida para ele como um lugar onde *“os maiores mexiam com ele, chamando-o de louco, e ele precisava se defender, isso ocorria na base da agressão física, mas normalmente quem acabava apanhando era o Manoel”*.

Além dos problemas que surgem com colegas e outros alunos na escola, as dificuldades em adaptar-se às instituições de ensino muito tradicionais ou que tenham códigos disciplinares muito rígidos, tornam a vida escolar de crianças e adolescentes com TDAH tão traumatizantes que os mesmos acabam perdendo o interesse pela escola e conseqüentemente pelo estudo (PEREIRA, 2009). Nas escolas públicas, para o autor, a situação é ainda pior, pois devido ao

grande número de alunos por turma e a sobrecarga de trabalho mantida sobre os professores, muitos educandos acabam sendo rotulados como rebeldes e não encaminhados para um atendimento que possibilite um diagnóstico mais preciso sobre o problema, ou ainda o fato de terem muitos alunos com outros problemas para atender, faz com que aqueles com TDAH não tenham o atendimento que necessitam.

De acordo com Reis (2006, p 28),

a implementação de novas concepções e novos modelos educacionais são de suma importância, pois os alunos com TDAH apresentam dificuldade em enquadrar-se num mecanismo de ensino tradicional, em que todos os objetivos são concentrados na esfera cognitiva, além de serem os mesmos para todos os alunos e terem como ponto de referência o aluno padrão.

A autora traz ainda para a discussão a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB96/98 BRASIL, 2009), especificamente os artigos 58 e 59 que dispõem sobre as obrigações do sistema de ensino para com a educação de alunos com necessidades especiais, entre os quais podemos incluir os alunos com o TDAH. Segundo a LDB96/98, alunos com necessidades educacionais especiais têm direito a apoio especializado, além de uma série de benefícios que facilitem seu aprendizado e melhorem seu desempenho escolar. O acompanhamento psicopedagógico, segundo Rohde e Benczik (1999) também é indicado quando portadores do transtorno apresentam problemas de aprendizagem associados ao transtorno. Muitas vezes, como o diagnóstico é feito tardiamente, o acompanhamento pedagógico para preencher lacunas no aprendizado é necessário, já que o “reforço de conteúdo não resolve seqüelas de aprendizagem que ficaram para trás” (ROHDE e BENCZIK, 1999, p 65).

Contribuições importantes são dadas por Reis (2006) para que a escola possa ser mais atrativa à alunos com TDAH, segundo a autora o aluno deve ser constantemente desafiado, de forma que provoque nele novas reflexões, e para que possa estabelecer novas relações entre os conteúdos. Castanho (1989 apud REIS 2006) e Karnal (2004 apud REIS 2006) propuseram algumas alternativas para tornar a educação inclusiva dentre elas: a) investigar os conhecimentos do aluno e utilizá-los no processo ensino-aprendizagem; b) utilizar vários tipos de avaliação para que os diversos tipos de inteligência possam ser explorados; c) utilizar questionamentos que possibilitem produção de conhecimento, ser paciente com os resultados pouco visíveis a curto e médio prazo. Aliado a isso, cita-se a possibilidade de um ensino voltado para a prática, que prenda a atenção do aluno, sendo estimulante, agradável e não muito extenso.

O professor é fator determinante no progresso e êxito escolar de alunos e a forma como ele vai conduzir as aulas. Assim como ele envolverá o aluno nas aulas será imprescindível para afastar ou aproximar aquele aluno com TDAH, um bom relacionamento é indispensável para a aprendizagem (REIS, 2006).

## O TRANSTORNO E A EDUCAÇÃO FÍSICA

Durante as aulas de Educação Física, pude notar algumas inquietações características do transtorno que, muitas vezes, acabavam criando conflitos entre o Manoel, outros alunos da turma e comigo, professora. A necessidade de *sempre* ser o primeiro ou de sempre querer escolher os grupos para as atividades e de interromper as pessoas antes que as mesmas concluam suas idéias, eram algumas ações que muitas vezes exigiam de mim atitudes que tentassem minimizar problemas de auto-estima e valorização, tanto do Manoel como dos demais. Apesar disso, ele sempre se mostrava muito interessado, inteligente e competente durante a elaboração e/ou execução das atividades propostas, especialmente aquelas feitas individualmente. Suas maiores dificuldades eram percebidas nas atividades que exigiam a colaboração dos demais, pois seu ritmo era mais intenso, suas idéias surgiam sempre primeiro, e muitos colegas acabavam chateando-se com isso e evitando fazer parte dos grupos no qual o Manoel estava. Como professora, também tinha meus momentos de dificuldade com ele, pois em inúmeras situações era necessário chamar sua atenção em função da falta de atenção, tanto para explicações, quanto durante a execução de algumas tarefas. Mesmo em atividades de caráter cooperativo ou quando era reforçado o fato de que não havia “ganhadores e perdedores”, sua “super competitividade” também era motivo de preocupação e discussões com os colegas. Muitas foram as vezes que necessitamos parar a aula e estabelecer novas regras, tantas outras vezes precisei chamar sua atenção e lembrá-lo das regras que ele estava quebrando, refazendo nossa rotina, que acabava tornando-se cansativa para todos, inclusive para o Manoel.

De acordo com Elias (2008), a Educação Física é um espaço privilegiado, o qual pode desenvolver aspectos comportamentais, emocionais e psicológicos dos alunos, permitindo aos mesmos um melhor desenvolvimento biopsicossocial. Além disso, nas aulas de Educação Física existe a possibilidade de extravasar as energias, que ficam muitas vezes “presas” em uma cadeira na sala que não o permite ver o que pode ser feito além daquelas paredes. É importante que nós, professores utilizemo-nos das energias e inquietações que surgem, tornando-as aliadas na caminhada para o envolvimento efetivo de alunos com TDAH nas aulas de Educação Física.

Winnik (2004 apud Elias 2008) e Giacomini e Giacomini (2006) sugere algumas alternativas que podem auxiliar a inclusão de alunos com TDAH nas aulas de Educação Física, dentre elas, utilizar uma abordagem de ensino estruturada e consistente, estabelecendo uma rotina, com instruções prévias e transições suaves durante o aprendizado, estabelecer regras que devem ser entendidas e aplicadas a todos, expressar todas as expectativas esperadas para as atividades e procurar ambientes mais tranquilos e menos estimulantes para evitar a distratibilidade. Outro fator importante quanto as atividades refere-se ao tempo de realização, ou seja, deve-se procurar atividades que não tornem-se muito longas e cansativas, para que o comprometimento e interesse não acabe se perdendo.

A utilização de atividades com caráter competitivo precisa ser sempre avaliada, ou seja, prevendo-se quais podem ser as possíveis reações delas sobre a turma, especialmente em função das relações que se criarão a partir da atividade, pois normalmente estas podem estimular atitudes que geraram má execução das atividades propostas, além de conflitos e discussões entre colegas. Em contrapartida, Mendes e Ribeiro (2006) realizaram uma pesquisa com professores de Educação Física, onde foi ressaltada a importância de que o aluno com TDAH, além dos demais, aprenda a perder e ganhar, além do exercício de respeito às regras e a construção de valores positivos. Já os jogos cooperativos como salienta Elias (2008), são considerados uma importante ferramenta na Educação Física, pois possibilitam o uso de atividades com caráter coletivo, onde se podem desenvolver valores como a cooperação, o respeito às regras e à individualidade, além de desenvolver aspectos cognitivos e motores.

Durante todo esse processo, o professor é peça fundamental para um resultado positivo e inclusivo de alunos com qualquer tipo de dificuldade, seja o TDAH ou outra. Para Reis (2006) a maneira como o professor envolverá o aluno nas aulas poderá afastá-lo ou aproximá-lo da turma e de si mesmo. Mesmo que muitas vezes o comportamento de alunos com TDAH nos leve a reagir de forma impulsiva, mais impaciente, sem perder muito tempo, devemos lembrar que o bom senso deve prevalecer. Pois se apropriando da fala de Rohde e Benczik (1999), é difícil pedir para seu aluno pensar antes de agir se nós professores agimos sem pensar. Assim, antes de tomar uma atitude impensada com aquele aluno que transgrediu uma regra ou agiu incorretamente com um colega, devemos conversar e tentar fazê-lo pensar no que fez, fazendo-o reconhecer seu erro e buscando alternativas para consertá-lo, questionando-o sobre qual seria o comportamento adequado para a situação. Elogiá-lo quando este pensar antes de agir também pode colaborar para a melhoria de seu comportamento durante as aulas.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensar em possíveis alternativas para a melhoria da qualidade de ensino na instituição pública e, especialmente, do atendimento a pessoas com necessidades educacionais especiais, a primeira e mais importante que vem à mente é a busca pelo conhecimento e maior entendimento sobre o assunto. A respeito disso Reis (2006, p. 29) cita: “Sendo o conhecimento a fonte crucial da inovação moderna, é ele também que a tudo envelhece. Não há profissional mais exposto ao envelhecimento do que o professor, por lidar diretamente com a reconstrução do conhecimento”.

Assim para que possamos auxiliar na construção de uma educação de qualidade, necessitamos, obrigatoriamente, estar sempre em busca do conhecimento, mesmo com as dificuldades enfrentadas, em função da extensa carga de trabalho e do inadequado número de alunos por turma. Conhecer o aluno que está à nossa frente é fundamental para que possamos proporcionar a ele um ensino que esteja de acordo com suas capacidades de aprendizagem.

Além disso, o restante da escola deve estar comprometida juntamente com os professores, para proporcionar um ambiente agradável, estimulante e flexível para atender as necessidades educacionais, dentre elas, o atendimento de crianças e adolescentes com TDAH.

A concepção de novas metodologias e novos modelos educacionais são importantes aliados para a educação de portadores do TDAH, já que estes possuem dificuldades em se adaptar a ambientes muito tradicionais e rígidos, se não tiverem da escola estímulos para a aprendizagem. Com certeza em determinado momento da caminhada estes acabarão desistindo, transformando-se assim em seres frustrados e desanimados a continuar uma caminhada que já não é fácil, tanto na escola, quanto fora dela.

A Educação Física, dentro desse contexto deve ser vista com um espaço crucial aos processos de desenvolvimento motor e cognitivo, mas especialmente para a melhora da auto-estima, desenvolvimento de valores éticos e morais e principalmente para a inclusão social desses alunos no ambiente escolar, possibilitando que estes, como os demais tenham a oportunidade de desenvolver autonomia e senso crítico, dentro das suas possibilidades, tendo o professor como um auxiliar e facilitador das relações estabelecidas durante esse processo.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO DÉFICIT DE ATENÇÃO. **Quais são as causas do TDAH?** Disponível em <<http://www.tdah.org.br/oque01.php>>. Acesso em 10 de dezembro de 2009.

BRASIL, Presidência da República. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei Nº 9.394, De 20 De Dezembro De 1996.** Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm). Acesso em 20 de dezembro de 2009.

ELIAS, Maria Aparecida R. A. **Trabalhando o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade na Educação Física.** Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/936-4.pdf>. Acesso em 05 de novembro de 2009.

GIACOMINI, Márcia Cristina C.; GIACOMINI, Odair. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade e educação física.** Disponível em <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 11 - Nº 99 - Agosto de 2006. Acesso em 05 de novembro de 2009.

GOMES, Marcelo; Palmieri, André; Barbirato, Fabio; Rohde, Luis Augusto; Mattos, Paulo. **Conhecimento sobre o transtorno do déficit de atenção/hiperatividade no Brasil.** *J. bras. psiquiatr.* [online]. 2007, vol.56, n.2, pp. 94-101. ISSN 0047-2085.

MENDES, Cláudia S.; RIBEIRO, Carlos H. V. **A educação física e o transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDA/H): um estudo para o profissional no espaço escolar.** Disponível em <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 11 - Nº 100 - Septiembre de 2006. Acesso em 03 de novembro de 2009.

PEREIRA, Rafael A. **A criança com TDAH e a Escola.** Disponível em <http://www.tdah.org.br/reportagem02.php?id=4&&tipo=T>. Acesso em 10 de novembro de 2009.

REIS, Maria das Graças F. **A teia de significados das práticas escolares: transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH) e a formação de professores.** PUC, Campinas, 2006, 246p. Disponível em [http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde\\_arquivos/3/TDE-2006-09-26T051754Z-1197/Publico/Maria%20das%20Gracas%20Faustino.pdf](http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/3/TDE-2006-09-26T051754Z-1197/Publico/Maria%20das%20Gracas%20Faustino.pdf). Acesso em 03 de novembro de 2009.

ROHDE, L. A.; BENCZIK, E. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade – O que é? Como ajudar?** Porto Alegre: Artes Médicas; 1999.

ROHDE, Luis Augusto; BARBOSA, Genário; TRAMONTINA, Silzá and POLANCZYK, Guilherme. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade.** *Rev. Bras. Psiquiatr.* [online]. 2000, vol.22, suppl.2, pp. 07-11. ISSN 1516-4446.